

O PORTUGUÊS ESCRITO POR SURDOS: AQUISIÇÃO DA CATEGORIA PREPOSICIONAL

Lucinéa da Silva Santana (UESB)

nea.santana@yahoo.com.br

Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (UESB)

adriana.lessa@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar o processo de aquisição da categoria preposicional do português escrito por surdos, considerando a língua brasileira de sinais (Libras) primeira língua (L1) e a língua portuguesa, segunda língua (L2). Apoiamo-nos na Gramática Gerativa e na proposta inatista de aquisição da linguagem postulada por Chomsky. Os dados foram coletados através de produções escritas do Português e gravações de histórias contadas em Libras pelos sujeitos-informantes. Em análise quali-quantitativa chegamos a resultados que mostram que a posição funcional de complemento genitivo (CG) e complemento nominal oblíquo (CNO) foram as que mais se mostraram propícias à ocorrência de um sintagma preposicional (PP – *prepositional phrases*) e essa produtividade razoável de PPs em CGs e CNOs nos dados se deve, em grande parte, à preposição ‘de’, que é a que encontra mais posições que lhe são compatíveis e a que apresenta maiores índices de ocorrências convergentes.

Palavras-chave:

Surdo. Aquisição do Português. Aquisição da Categoria Preposicional.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the process of acquiring the prepositional category of Portuguese written by deaf people, considering the Brazilian sign language (Libras) first language (L1) and Portuguese, second language (L2). We rely on Generative Grammar and the innate proposal for language acquisition postulated by Chomsky. The data were collected through written productions of Portuguese and recordings of stories told in Libras by the subject-informants. In quali-quantitative analysis we arrived at results that show that the functional position of the genitive complement (CG – *complemento genitivo*) and the oblique nominal complement (CNO – *complemento nominal oblíquo*) were the ones that were most favorable to the occurrence of a prepositional phrase (PP) and this reasonable productivity of PPs in CGs and CNOs in the data are due, in large part, to the preposition ‘de’ which is the one that finds the most positions that are compatible with it and the one with the highest convergent occurrence rates.

Keywords:

Deaf. Acquisition of Portuguese. Acquisition of the Prepositional Category.

1. Introdução

Este artigo visa apresentar resultados de uma pesquisa que tratou do processo de aquisição da categoria preposicional do português por pessoas surdas. A questão linguística do surdo brasileiro é complexa porque envolve a aquisição de duas línguas obrigatoriamente: uma língua gesto-visual (a língua de sinais), que consideramos nesse trabalho como L1, adquirida em modalidade falada, e outra língua ortoauditiva (o português), adquirida como L2, em modalidade escrita. Essa situação esdruxula de aquisição bilíngue leva os surdos a apresentarem uma interlíngua português-Libras, que, *a priori*, parece trazer muitos aspectos da gramática da Libras para a gramática do português, em aquisição. Dentre os vários aspectos relativos a esse problema, citamos a aquisição da categoria das preposições.

No caso do surdo, verificamos que o contato com a língua oral em aquisição se dá, em geral, apenas por meio da escrita. Assim sendo, questionamos de que forma esse *input* funciona no caso da aquisição da categoria preposicional. Investigamos essa questão a partir de *corpus* retirado de produções escritas de língua portuguesa (interlíngua português-Libras) de 9 sujeitos-informantes surdos, sendo composto por 27 textos, 3 de cada participante. Alguns dados apresentados em Libras foram transcritos através do Sistema de Escrita de Libras – SEL, desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012; 2019).

Referirmo-nos aos sujeitos-informantes com a abreviação Inf + número de 1 a 9, isto é, Inf1, Inf2 e assim sucessivamente. Todos os sujeitos-informantes são usuários da Libras, oriundos de instituições educacionais públicas, sendo: 4 discentes do Ensino Superior, 1 com graduação já concluída (Inf1) e 3 cursando graduação (Inf2, Inf3 e Inf4); 3 são discentes do Ensino Médio (Inf5, Inf6 e Inf7); e 2 são discentes do Ensino Fundamental (Inf8 e Inf9). Todos são filhos de pais ouvintes, os quais não conheciam a Libras na fase da infância dos seus filhos surdos; portanto, a comunicação dos 9 sujeitos-informantes, no meio familiar, era baseada em “gestos caseiros”. Todos são falantes fluentes em Libras, mas com aquisição tardia da linguagem.

Foram coletados dados do português e da Libras em momentos distintos, perfazendo um total de 4 sessões. Na primeira sessão, houve uma conversa informal para esclarecimento e consentimento da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), con-

forme protocolo do Comitê de Ética da UESB¹⁷⁸. Na segunda sessão, foi realizada a coleta de dados da Libras através da filmagem da narrativa solicitada aos informantes. Esses dados coletados foram transcritos em escrita SEL, objetivando-se o acesso, o mais próximo possível, da forma articulada do sinal nos dados transcritos. Também transcrevemos os dados por meio de glosas da língua portuguesa, para melhor entendimento das pessoas não falantes da Libras. Na terceira sessão, foi realizada a coleta de dados do português escrito, momento em que os surdos escreveram a mesma história contada em Libras na sessão anterior. E, na quarta sessão, os sujeitos-informantes fizeram produção livre de textos escritos do português.

2. A Categoria preposicional no quadro teórico gerativista

Pela teoria gerativista, a preposição ocupa uma posição nuclear que se projeta, constituindo, juntamente com outras categorias sintagmáticas que a complementam, o sintagma preposicional (PP – *Prepositional Phrase*).

A noção de categorias lexicais proposta por Chomsky (1970, p. 199) se baseia na ideia de que as principais categorias desse tipo – N, V, A e P – advêm de uma combinação de traços distintivos binários, semelhantes ao segmento fonológico. Esses traços são, conforme Chomsky e Lasnik (1977, p. 430), os traços categoriais (+N) e (+V), os quais permitem, segundo essa proposta, distinguir exaustivamente essas quatro principais categorias: nome (+N; -V), verbo (+V; -N), adjetivo (+N; +V) e preposição (-N; -V).

Conforme discute Raposo (1992, p. 364), “a propriedade responsável pela atribuição de Caso é o traço sintático [-N]”. Para a teoria gerativa a marcação casual dos sintagmas determinantes (DP – *determiner phrase*) é um fenômeno universal, essencialmente sintático, pois os DPs recebem um Caso abstrato na sintaxe, que pode ou não se manifestar por meio morfológico. Dessa forma, possuindo a preposição esse traço, assim como a categoria V, constata-se uma assimetria entre, por um lado, V e P, que apresentam [-N], e por outro, N e A, que não o apresentam. As duas primeiras são, portanto, atribuidoras de Caso, diferentemente das duas últimas.

¹⁷⁸ Número do parecer consubstanciado CEP: 516.863, CAAE: 126636914.4.0000.0055, data da relatoria: 22/01/2014.

Assume-se, dentro do quadro teórico gerativista, que a categoria preposicional engloba núcleos de duas naturezas: lexical e funcional (CHOMSKY, 1986). Assim, conforme Miotto *et al.* (2004, p. 82), as preposições que são funcionais (também tratadas como gramaticais) se limitam a fazer apenas seleção categorial (c-selecionar) de seus argumentos, sem serem responsáveis por lhes atribuir papel temático; já as preposições que são lexicais, além de c-selecionarem seu complemento, também fazem a seleção semântica (s-seleção) do mesmo, atribuindo-lhe seu papel temático. Segundo os autores (*Ibidem*, p. 97), o PP é talhado para ser adjunto (com preposição lexical), embora possa ser argumento (com preposição funcional), mas essa função não lhe é prototípica.

Já Brito (2003) distingue as preposições em três tipos, considerando o papel que assumem na marcação temática e na atribuição do Caso (abstrato ou morfologicamente marcado). Assim, segundo a autora, as preposições se distinguem porque há: (i) as de natureza mista, lexical e funcional, que marcam tematicamente seus argumentos junto com outros predicadores (ocorrem com certos verbos inerentemente preposicionados, como: *ir a, vir de, pôr em, colocar em, arrumar em* etc., que têm previsto em suas entradas temáticas papéis de meta e de fonte, e no caso da preposição 'por' que encabeça um constituinte com papel de agente); (ii) as lexicais, que são verdadeiros itens predicativos e por si sós marcam tematicamente seus argumentos (encabeçam adjuntos e predicativos do sujeito); e (iii) as funcionais, que têm um papel secundário na marcação temática, sendo essencialmente marcadores de Caso (ocorrem com verbos transferenciais do tipo: *dar, oferecer, entregar, comprar, vender, demonstrar, devolver* etc.; e encabeçando complemento de nomes e adjetivos).

3. *Análise dos dados*

3.1. *O processo de aquisição de preposições por surdo*

As discussões sobre aquisição de L2 dentro da perspectiva nativista passam necessariamente pela consideração do papel da Gramática Universal (GU) nesse processo, independentemente da forma de acesso (sem acesso, com acesso direto ou parcial), e do papel do *input*. Para Lightfoot (1991), a marcação dos parâmetros de uma língua na GU passa necessariamente pela percepção inconsciente de certos gatilhos (*triggers*) no *input* que disparam essa marcação. Esses *triggers* seriam percebidos a partir de sua robustez, que se baseia nos fatores saliência e frequência. Com

base nessa perspectiva se deu nossa análise do *corpus*. Ou seja, buscamos observar, com base na saliência e frequência, o que pode estar funcionando como *triggers* para o processo de aquisição da categoria da preposição do português escrito por surdos.

Inicialmente, analisamos o emprego de preposições nos textos dos sujeitos-informantes numa visão geral dos dados, para posteriormente analisarmos os dados de cada informante, os quais foram organizados individualmente. Assim, a tabela a seguir mostra, a partir dos dados quantitativos gerais, o estado de aquisição das preposições encontrado no *corpus*.

Tabela 1: Ocorrências de preposições nos dados gerais.

Situação no contexto sintático	Número de preposições	
Adequadas	50	21%
Inadequadas	14	6%
Em posição preposicional inexistente	33	14%
Ausentes	137	59%
TOTAL	234	100%

Observamos nessa tabela que de um total de 234 preposições o número de *ausentes* (59%) supera o número de preposições presentes – *adequadas* (21%) e *inadequadas* (6%). Além disso, encontramos um número considerável de preposições colocadas em posições onde não cabe um PP (14%), como: encabeçando um AP (*gente de famoso* – Inf2), encabeçando objeto direto (*estudar de Libras*– Inf2), entre os verbos auxiliar e principal (*Eu vai sobre começar* – Inf3), tomando um advérbio como complemento (*Eles bola na lá* – Inf8), entre outros contextos sintáticos. Isso demonstra que os sujeitos-informantes surdos desta pesquisa, no geral, ainda apresentam grande dificuldade em reconhecer em que posições devem ocorrer preposições.

Por outro lado, encontramos preposições *adequadas* nos dados de 8 dos 9 sujeitos-informantes, embora com grande variação no número de ocorrências. Só não encontramos usos adequados de preposição nos dados de Inf6.

Abaixo estão alguns exemplos desses dados.¹⁷⁹

(1) a. Pai fala quero mudou para moro em Jitaúna-Ba. (Inf2)

¹⁷⁹ Marcamos as preposições nos dados da seguinte forma: as **adequadas** estão sublinhadas; as **inadequadas** estão em itálico; as **ausentes** aparecem entre parênteses; e as **de posição preposicional inexistente** estão riscadas.

- b. Aprender Libras (na) sala IERP (de) 2008 à 2009. (Inf2)
- c. Eu trabalho de instrutor de Libras. (Inf4)
- d. Feliz porquinhos gosto muito de música. (Inf4)
- e. Lobo vai procurar entra[r] em casa de Madeira. (Inf4)
- f. Libras intérprete ir fazer Núcleo de inclusão de UESB-NAIP. (Inf3)
- g. Aprofundamento de conteúdo (da) professora Silmara. (Inf7)

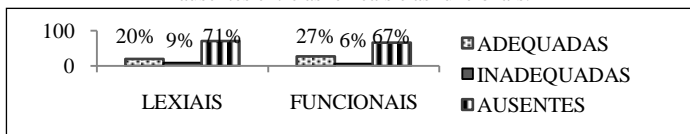
Olhando particularmente as preposições *inadequadas*, as encontramos apenas nos dados de Inf2, Inf3, Inf4 e Inf7. Temos alguns exemplos dessas ocorrências *inadequadas* em (2), as quais estão indicadas em itálico.

- (2) a. Seu casa *com* tijolos (Inf2)
‘Sua casa de tijolos’
- b. Lobo vai chato *de* casa (Inf4)
‘O lobo vai chateado para casa.’
- c. Pessoas ouvindo *com* inclusão... (Inf3)
‘Pessoas ouvindo juntas a respeito de inclusão...’
- d. Ela professora *com* Inglês (Inf7)
‘Ela é professora de Inglês.’

Outro aspecto importante verificado diz respeito à natureza lexical ou funcional das preposições encontradas nos dados. Observando as posições onde a ocorrência de uma preposição é obrigatória, em que se incluem as preposições adequadas, inadequadas e ausentes verificadas no *corpus*, percebemos que houve mais possibilidades de ocorrências de preposições funcionais (66%) do que lexicais (34%). Com variação de percentual, isso se repete nos dados de Inf3, Inf4 e Inf7; nas amostras de Inf2, Inf6, Inf8 e Inf9 o índice das funcionais aparece ligeiramente acima do das lexicais; e nas amostras de Inf1 e Inf5, preposições funcionais e lexicais obtiveram praticamente o mesmo índice de ocorrências.

Observando as lexicais e funcionais, comparando a frequência de *adequadas*, *inadequadas* e *ausentes* nesses dois tipos, vemos o que está exposto no gráfico 1.

Gráfico 1: Ocorrências de preposições adequadas, inadequadas ou ausentes entre as lexicais e as funcionais.



Esse gráfico nos mostra que: (i) há um predomínio da ausência de preposições tanto entre as lexicais como entre as funcionais; (ii) tanto entre as funcionais quanto entre as lexicais, as adequadas superam as inadequadas; (iii) as funcionais apresentaram índice de adequadas (27%) um pouco maior do que as lexicais (20%); (iv) houve menos inadequações de preposições funcionais (6%) do que lexicais (9%); e (v) houve menos ausências das preposições funcionais (67%) do que lexicais (71%). Ou seja, os dados quantitativos estão indicando um melhor resultado na aquisição de preposições de natureza funcional do que de natureza lexical.

Analisando os dados dos sujeitos-informantes em cujas amostras encontramos apenas 1 realização de preposição, verificamos também uma tendência à realização de preposição funcional. Nos dados de Inf1, verificamos que a única ocorrência de preposição realizada é convergente com a estrutura do português, isto é, trata-se de uso adequado. Essa preposição é funcional, em um complemento genitivo, como se verifica no exemplo (3) abaixo. Trata-se da preposição ‘de’ mais o pronome ela (de-la).

- (3) Mulher nome Lélia Amaral, mãe ajudar também casa dela eu mãe junto dormir livre. (Inf1)

‘Minha mãe ajuda também na casa de uma mulher de nome Lélia Amaral, eu e minha mãe dormimos lá gratuitamente.’

Verificamos no quadro geral dos dados de Inf1 que, das 38 situações de uso de preposição,¹⁸⁰ 18 foram posição de Adj, 5 posição de CG, 7 posição de CNO e 8 posição de complemento verbal (CV). Ou seja, olhando para os contextos onde deveria ter ocorrido uma preposição nos dados desse informante, verificamos que há 20 (53%) situações de preposições funcionais e 18 (47%) situações de preposições lexicais. Um contexto de possibilidades de ocorrência de preposição lexical até maior que o índice geral, que foi de 34%; no entanto, a única preposição que aparece nos dados desse informante é funcional marcadora de caso genitivo.

Observamos o mesmo fenômeno com Inf5, que realizou 4 preposições apenas, dentre as quais, encontramos 2 adequadas e 2 em posição inexistente. As adequadas que ele realizou estão em posições funcionais, encabeçando um CV e um CG, conforme o exemplo (4) abaixo. Isto en-

¹⁸⁰ Utilizamos as seguintes siglas como referência às posições sintáticas dos PPs analisados: CG – complemento genitivo; CNO – complemento nominal oblíquo; CV – complemento verbal; Adj – adjunto; e Pred – predicativo.

tre as 17 possibilidades de ocorrência de preposições em seus dados, entre as quais, além dessas preposições realizadas, temos ausentes mais 5 em CVs e 8 em Adjuntos.

- (4) a. Eu ajudar cuidar de prima e primo. (Inf5)
b. (Na) escola sala de aula estudar... (Inf5)

O mesmo fenômeno se repete com Inf8. Das 7 possibilidades de ocorrência de preposições em seus dados (4 em CV, 1 em CG, 1 em CNO e 1 em Adj), Inf8 realizou, apenas uma vez, a preposição, sendo esta funcional marcadora de caso genitivo, como se verifica no exemplo (5).

- (5) Dona Benta vovó de Pedrinho. (Inf8)

Todos esses dados reforçam a nossa hipótese de que o traço funcional é um traço saliente no processo de aquisição da categoria preposicional. Tomemos os dados do Inf2, por exemplo, que é a amostra onde se encontra o maior número de preposições realizadas somadas às posições de preposições ausente, 55 ao todo. Em dados de Inf2, como (6) a seguir, observamos que esse informante, numa mesma frase, deixa de realizar as preposições lexicais *com* e *em* e realiza a preposição funcional *de* em posição de marcação de genitivo.¹⁸¹

- (6) a. Pai trabalha (com) taxi *para* São Paulo ~~em~~ minha mãe dona de casa. (Inf2)
‘Meu pai trabalha com taxi em São Paulo e minha mãe é dona de casa’.
b. Aprovado (em) curso de matemática (Inf2)
c. (...) instrutor de Libras (Inf2)

Avaliamos as observações feitas até agora como muito relevantes, pois já temos um primeiro indício de que o processo de internalização de valores paramétricos relativos à categoria da preposição do Português está se operando, ou pelo menos se operou em algum grau, para os sujeitos-informantes surdos deste estudo. Com relação à robustez de traços nesse processo, há nesses dados um indicativo de saliência do traço funcional. Considerando que todas as preposições têm traços funcionais, uma vez que todas são atribuidoras de Caso, podemos considerar como forte a hipótese de que o traço funcional é saliente no processo de aquisição da categoria preposicional.

Quanto às preposições inexistentes, as quais aparecem numa posição que não existe para as preposições, essas ocorreram em sentenças como as em (7) (ver preposições riscadas):

- (7) a. Ipiá também estudar ~~de~~ Libras (Inf2)

¹⁸¹ O item ‘em’ que ocorre em (6a) foi confundido com a conjunção ‘e’.

- ‘Em Ipiáú, também estudei Libras.’
- b. Eu gente ~~de~~ famoso (inf2)
‘Eu sou gente famosa.’
- c. Eu vais~~obre~~ começar fazer escrever só história (Inf4)
‘Eu vou começar a fazer o título, vou escrever somente histórias.’
- d. Como vai começar ~~sobre~~ história (Inf4)
‘Como vou começar o título da história?’
- e. Vamos ~~em~~ comer (Inf3)
‘Vamos comer.’
- f. Minha amiga ~~em~~ ajudar passear bom minha Vovô e vovó (Inf5)
‘Minha amiga ajuda minha vovô e vovó (a) passear. Isto é bom.’
- g. Querer trabalhar ~~em~~ depois (Inf9)
‘Quer trabalhar depois.’
- h Chamado primeiro ~~de~~ também (Inf7)
‘Chamado primeiro também’

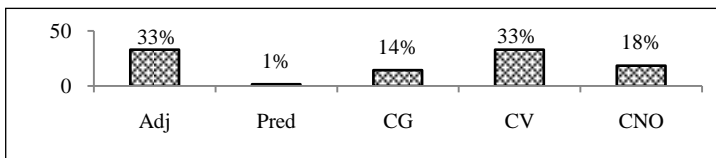
Examinando mais apuradamente os exemplos em (7), verificamos que, apesar da agramaticalidade existente nessas sentenças, percebemos certa coerência no uso de várias dessas preposições. Por exemplo, *de Libras* em (7a) e *gente de* em (7b) podem estar associados a ocorrências da preposição *de* em contextos de complementação nominal, *gente de fama, estudo de Libras*; *sobre começar* em (7c) e *sobre história* em (7d) podem estar associados a ocorrências em complementos verbais do tipo *falar sobre a história, escrever sobre a história*; *vamos com* em (7e) e *com ajudar* (7f) podem estar associados a ocorrências de adjuntos adverbiais do tipo *vamos com os amigos* e *ajuda com o passeio*; *trabalhar em* em (7g) pode estar associado também a um adjunto adverbial do tipo *trabalhar em supermercado*; e *primeiro de* em (7h) pode estar associado a expressões do tipo *primeiro de três*. Análises assim nos levam a pensar que há realmente indícios de aquisição dessa categoria gramatical por esses sujeitos-informantes, ainda que seja uma ocorrência que ainda parece tão distante da estrutura convergente.

3.2. A robustez por saliência e frequência no processo de aquisição da categoria preposicional

Observamos agora características das preposições encontradas e não encontradas nos dados frente à posição sintática que os PPs encabeçados por essas preposições ocupam na sentença. O gráfico 2, a seguir, nos traz uma visão geral dos índices de frequência de ocorrência das preposições nas várias posições sintáticas. Nos dados, encontramos preposições ou posições preposicionais a serem preenchidas em: CG, CNO, CV, Adj e Pred. Encontramos um único caso de CA (complemento adjetival)

que incluímos entre os CNOs. No caso dos adjuntos, não separamos adjuntos adnominais de adverbiais. E os poucos casos de predicativos foram sempre predicativos do sujeito.

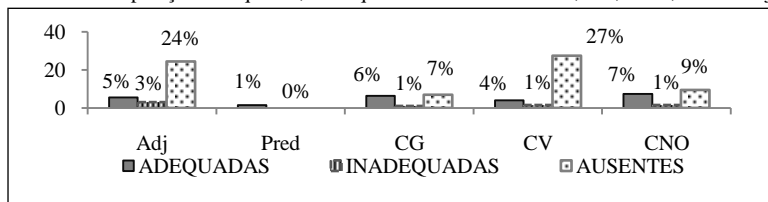
Gráfico 2: Preposições em CV, CG, CNO, Pred e Adj.



Legenda:

Como podemos observar no gráfico 3, os tipos CV e Adj foram os que apresentaram a maior quantidade de possibilidades de ocorrências, 33% (66 de 201) de possibilidades para cada tipo. Em segundo lugar ficaram os tipos CNO, com 18% (37 de 201) e CG com 14% (29 de 201). E as possibilidades de ocorrência de PPs em posição de Pred perfaz índice de apenas 1% (3 de 201). Nesses números estão incluídas as preposições presentes – adequadas e inadequadas – e as preposições ausentes. Estão de fora desses percentuais as preposições em posições preposicionais inexistentes que foram 33 ocorrências. Comparemos o gráfico 2 com o gráfico 3, a seguir, a fim de observar o que ocorre em cada um desses tipos de posições sintáticas frente à adequação (convergência), inadequação ou ausências das preposições encontradas no *corpus*.

Gráfico 3: Preposições adequadas, inadequadas e ausentes em CV, CG, CNO, Pred e Adj.



A primeira observação a ser feita na comparação entre os gráficos 2 e 3 é que o *corpus* apresenta um quadro semelhante para a posição preposicional lexical de Adj e a posição preposicional funcional de CV. Em ambos os casos, os índices de ausência foram altíssimos, em 33% de possibilidades para ambas as posições (cf. gráfico 2), 24% das ausências (49

ausências em 201 possibilidades) foram em posição de Adj, e 27% (55 de 201) foram em posição de CV. As adequações ficaram, nos dois casos, com índices bem abaixo desses, 5% (11 de 201) na posição de Adj, e 4% (8 de 201) na posição de CV. Já as posições preposicionais funcionais de CG e de CNO são as que apresentam o melhor quadro de aquisição. Em ambos os casos, as ausências e adequações apresentam índices muito próximos: na posição de CG, do total de 14% de possibilidades (cf. gráfico 2), houve 7% (14 de 201) de ausências e 6% (13 de 201) de adequações; e entre os CNOs, do total de 18% de possibilidades (cf. gráfico 2), houve 9% (19 de 201) de ausências e 7% (15 de 201) de adequações. Quanto às inadequações, essas foram no geral baixas. Essas se apresentaram com maior índice entre as posições de Adj (3% - 6 ocorrências), enquanto que nas posições de CG, CNO e CV ocorreram posições inadequadas com índice aproximadamente de 1% (respectivamente 2, 3 e 3 ocorrências) em cada tipo.

Esses índices mostram que, embora os sujeitos-informantes já percebam que PPs ocorrem nas posições de CV e Adj, eles ainda não internalizaram que, em determinados CVs, a presença da preposição nessa posição é obrigatória em Português, não internalizaram que as preposições são obrigatórias em Adjs constituídos de um DP e, em grande parte dos casos, não internalizaram os traços que definem qual preposição deve ocorrer em cada adjunto específico, a depender das exigências lexicais e funcionais do contexto sintático.

Ainda verificamos nos dados que, de forma bastante diversa do que ocorreu com as demais posições sintáticas, as 3 únicas ocorrências de preposições em Pred (expostas em (8) a seguir) foram adequadas. Como o número de ocorrências desse contexto sintático foi muito baixo (1%), não podemos tomar esses dados como forte indicativo de internalização de ocorrência de um PP nesse contexto, embora a adequação tenha se dado nas 3 ocorrências.

- (8) a. Meu pai com filho andar com conversa. (Inf2)
'Meu pai anda com/de conversa com seu filho.'
b. Dor barriga compedro.
'Dor na barriga! Está com pedra!'
c. Você estoude amizade. (Inf9)
'Estou de amizade com você'

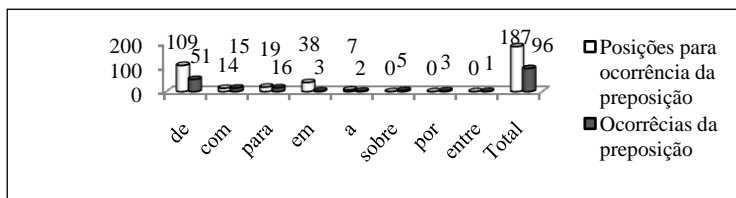
Concentrando nossa análise nas posições CG, CNO, CV e Adj, verificamos que CV e Adj são posições em que a ocorrência da categoria PP não é generalizada em Português, ou seja, é obrigatória apenas em parte dos casos. Em CG, CNO e Adj, o DP não pode vir desacompanha-

do de uma preposição, como ocorre com parte dos CVs. No caso da posição de Adj, observamos que, embora a preposição seja obrigatória quando este adjunto é constituído por um DP, formando, portanto, um PP (Preposição+DP), há adjuntos que não são encabeçados por preposições porque são um sintagma adverbial (AdvP – *adverbial phrase*). Nesse caso, em termos de *input*, temos para as posições de Adj a mesma situação do CV, isto é, a ocorrência de preposições em adjuntos não é generalizada, ainda que o seja no caso específico do DP. Podemos analisar esse aspecto – ocorrência generalizada – como um fator de saliência e, conseqüentemente de robustez. Nessa perspectiva, preposições em CGs e CNOs são mais salientes no *input* do que preposições em CVs e em Adjs.

E podemos apontar a *frequência* de preposições em CGs e CNOs maior que em CVs como outro componente dessa robustez. Essa análise, conforme com o que foi encontrado no nosso *corpus*, indica que CG e CNO foram as posições sintáticas que apresentaram não só o maior número de adequações (39%), mas também o maior número de presenças de preposições realizadas pelos surdos (47%). Isto significa que eles já começaram a internalizar, pela maior robustez, o valor paramétrico que define que, em Português, CG e CNO são PPs. E, sabendo que as preposições ocorrem como atribuidoras de Caso, podemos dizer que o traço funcional de Caso é saliente no processo de aquisição da categoria preposicional, havendo destaque para o traço do Caso genitivo e também o traço de Caso responsável pela construção oblíqua em complementos nominais, já que as preposições funcionais em CG e CNO parecem ser as primeiras a se consolidar nesse processo.

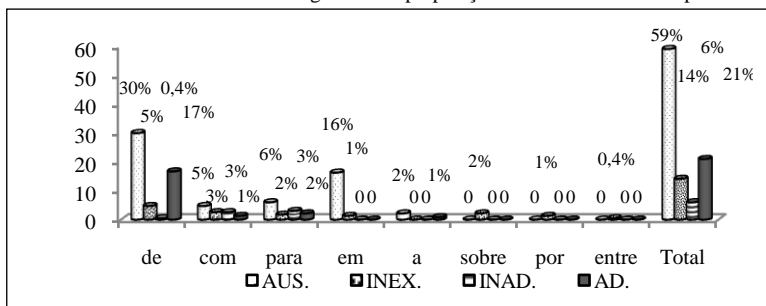
Outro aspecto reforça essa nossa observação. O gráfico a seguir apresenta uma visão geral da quantidade de ocorrência de cada preposição frente à quantidade de posições em que cada preposição deveria ter ocorrido.

Gráfico 4: Frequência geral das preposições encontradas no *corpus*.



Podemos observar nesse gráfico que a preposição ‘de’ é, de longe, a que encontrou mais posições que lhe cabiam (109 posições). A preposição ‘de’ é também a que apresentou maior frequência (51 de um total de 96 ocorrências). Esse gráfico mostra ainda que junto com ‘de’, as preposições ‘com’ ‘para’ e ‘em’ são preposições cujas possibilidades de ocorrências apareceram com índices medianos, respectivamente 14, 19 e 38 posições, com frequência próxima nos casos de ‘com’ e ‘para’, mas baixíssima no caso de ‘em’. E as demais preposições foram irrisórias em quantidade de posições e em frequência de ocorrências. No gráfico a seguir, temos um panorama mais claro da frequência/ausência de ocorrência, adequada ou inadequada, das várias preposições que aparecem nos dados, calculando-se os índices percentuais no âmbito de cada tipo.

Gráfico 5: Índices de convergência das preposições no âmbito de cada tipo.



Como se observa no gráfico 6, a preposição ‘de’, é a que apresenta maior índice de adequação, 17% (39 do total de 234), enquanto os índices das demais são: ‘com’ e ‘a’ 1% (respectivamente, 3 e 2 ocorrências), ‘para’ 2% (5 ocorrências) e as demais 0%. Observando as ocorrências adequadas da preposição ‘de’, verificamos que 27 das 39 ocorrências foram em CG. Ou seja, mais um indício da robustez do traço de Caso genitivo no processo de aquisição da categoria das preposições.

As preposições ‘de’, ‘com’ e ‘para’ são as únicas a ocorrerem onde caberia outra preposição, isto é, de forma inadequada, respectivamente com os índices: 0,4% (1 ocorrência), 3% (6 ocorrência) e 3% (7 ocorrência). Dentre as 3 únicas ocorrências adequadas da preposição ‘com’ nos dados, em apenas 1 caso verificamos o conteúdo semântico de ‘companhia’. Duas dessas ocorrências estão no exemplo (8a) –*Meu pai com filho andar com conversa.* –, cuja primeira preposição ‘com’ apresenta o

sentido de companhia, podendo ser associado ao sinal JUNTO, e a segunda encabeça um predicativo do sujeito. Em (9), a seguir, temos a terceira ocorrência convergente de ‘com’ encontrada nos dados. Pela interpretação que fazemos, tomando como base a tradução para a Libras, que o próprio informante fez dessa frase, temos aí, na verdade, não uma, mas duas frases, cujo sujeito da segunda está nulo e seu verbo é um copulativo sem material fonético. Nesse caso, a preposição ‘com’ aí também encabeça um predicativo do sujeito e não apresenta conteúdo semântico de companhia, mas de inclusão.

(9) Dor barriga compedro (Inf2)

O QUE? BARRIGA DO[er]! PEDRA!

‘O que?! A barriga doe! Está com pedra!’

Considerando, na aquisição da categoria das preposições em Português, a interferência do morfema DIR (direcional)¹⁸³, indicando papel de meta, já adquirido em Libras, era de se esperar que encontrássemos nos dados um bom percentual da preposição ‘para’. Entretanto, conforme se pode verificar pelo gráfico 5, o índice de ocorrências convergentes dessa preposição é bastante tímido (2%), isto é, apenas em 5 das 19 posições onde deveria ter ocorrido a preposição ‘para’ foi preenchida adequadamente. Mas, de fato, observamos a ocorrência dessa preposição em CVs com verbos de movimento direcional.

(10) a. Pai fala quero mudou para moro em Jitaúna-Ba (Inf2)

‘Pai fala: quero mudar para Jitaúna, quero morar em Jitaúna-Ba.’

b. Porquinha deflante fala muito pessoas você ir para chaminé (Inf4)

‘Porquinho de flauta fala com as pessoas: vocês vão para a chaminé.’

Por outro lado, verificamos também ocorrência de verbo direcional em que outra preposição foi utilizada em vez de *para*, embora possamos encontrar relação da preposição utilizada, ‘de’, com outro verbo direcional, ‘sai’ (sai de casa), o qual pode estar interferindo no processo de aquisição.

(11) a. lobo vai chato de casa (Inf2)

‘O lobo vai chateado para casa.’

¹⁸² Transcrição de sentença produzida em Libras por meio do Sistema de Escrita de Libras - SEL, Lessa-de-Oliveira (2012; 2019).

¹⁸³ Morfema direcional presente em verbos direcionais, conforme hipótese defendida por alguns estudiosos.

Entretanto, observamos a preposição ‘para’ ocorrendo em lugar de outra, num contexto que não sugere movimento direcional, nem papel de meta, mas papel de locativo, como se verifica em (12). Os exemplos em (11) e (12) nos mostram que o papel temático de meta relacionado à preposição ‘para’ não está se mostrando tão saliente no processo de aquisição das preposições em Português.

- (12) a. Pessoas não conhecer surdos *para* Ipiáu (Inf2)
‘As pessoas não conhecem surdos *em* Ipiáu.’
b. Pai trabalha taxi *para* São Paulo (Inf2)
‘O pai trabalha com taxi *em* São Paulo.’

Observamos o mesmo em relação à preposição ‘em’ e o papel temático de locativo. Os exemplos em (12) nos mostram a dificuldade do informante surdo com o preenchimento da posição em que cabe a preposição ‘em’, que foi substituída por ‘para’. Quantitativamente, observamos que a preposição ‘em’ apresenta o maior índice de ausência proporcionalmente (não foi preenchida nenhuma das 38 posições para essa preposição) e as 3 únicas ocorrências presentes, realizadas pelo mesmo informante – Inf9 –, aparecem em posição preposicional inexistente. Das 38 ausências de ‘em’ 33 são em posição de adjunto, isto é, posição de preposição lexical. Isto indica que o traço semântico de lugar, presente nessa preposição, apresenta nenhuma ou pouca interferência no processo de aquisição dessa categoria por surdos.

Em (13) a seguir, observamos as preposições ‘com’ e ‘de’ ocupando posições de ‘em’, em contexto de preposição lexical. Em (13a) ‘com’ é a preposição que substitui equivocadamente ‘em’, o que mais uma vez demonstra que o informante não internalizou ainda nem o conteúdo semântico de ‘com’ relacionado ao sinal JUNTO da Libras, nem o papel semântico de locativo da preposição ‘em’.

- (13) a. Eu raiva quero estudar *com* escola (Inf2)
‘Estou com raiva, quero estudar *na* escola.’
b. Trabalho *de* cargo: auxiliar administrativo (Inf2)
‘Trabalho *em* cargo de auxiliar administrativo.’

A preposição ‘a’ é outro caso de preposição que poderia estar associada ao morfema DIR. Observamos nos dados, entretanto, que entre as 7 posições de preenchimento com a preposição ‘a’, encontradas no *corpus*, os sujeitos-informantes só preencheram 2 em contextos semelhantes.

- (14) a. Aprender Libras sala IERP 2008 à 2009. (Inf2)

APREND[er] LIBRAS ESTUD[o] SALA I-E-R-P 2008
 ATÉ 2009

‘Aprendi Libras na sala de estudo do IERP de 2008 a 2009’

b. Meu pai fala filho karatê, 11 idade a 34 anos eterno de karatê.

(Inf2)

PAI FAL[ar] FILH[o/a] CARATÊ IDADE 11 IDADE 34
 SEMPRE CARATÊ

‘O pai sempre fala com o filho do karatê, dos 11 aos 34 anos de idade.’

Na tradução para a Libras que Inf2 faz de sua frase em (14a), verificamos que ele utiliza o sinal ATÉ. O que este sinal captura em sua articulação icônica é o ponto delimitador de um percurso, que pode ser capturado pela preposição ‘até’ em português. Interessantemente esse informante, no dado do português, preferiu utilizar a preposição ‘a’, que de fato é a preposição mais recorrente em Português nesse contexto.

Mas, em outro contexto, o de complemento do verbo ‘ensinar’, cujo sinal da Libras apresenta uma articulação direcional, uma vez que é realizado com um movimento em direção ao referente meta, os sujeitos-informantes tiveram dificuldade com essa preposição. Obviamente este não é um contexto trivial, pois a preposição ‘a’ encabeça uma oração infinitiva, que não recebe o papel de meta.

- (15) a. Me ensinava (a) falar (na) escola CEMAR (...)
 ‘Me ensinava a falar na escola CEMAR (...)
- b. Cemar bom, professora me-ensinar (a) ler, (a) escrever, (...)
 ‘A CEMAR é boa, a professora me ensinou a ler, a escrever, (...)’

Portanto, os dados aqui analisados constituem evidência a favor da hipótese defendida neste estudo, de acordo com a qual os traços funcionais são traços salientes, na perspectiva de Lightfoot (1991), para a aquisição da categoria das preposições do Português por surdos, sendo os traços de Caso genitivo e oblíquo em complementos nominais os mais robustos nesse processo.

4. Considerações finais

Verificamos que os sujeitos-informantes surdos desta pesquisa, no geral, ainda apresentam grande dificuldade em reconhecer em que posições devem ocorrer preposições, pois a maior parte das preposições que deveriam ocorrer nas frases escritas por esses sujeitos-informantes estavam ausentes (59%). Por outro lado, podemos dizer que o processo de aquisição da categoria das preposições do português se deu ou está em curso, em certo grau, para a maioria dos sujeitos-informantes, pois as convergências para a gramática do português chegaram a 21% dos casos. Entretanto, constatamos uma grande variação de grau de aquisição entre os 9 sujeitos-informantes, que independe do grau de escolaridade.

Em análise quantitativa e qualitativa chegamos a resultados que mostram que as posições funcionais em CG e CNO foram as que mais se mostraram propícias à aquisição. Essa grande produtividade em CGs e CNOs nos dados se deve em grande parte à preposição ‘de’ que, de longe, é a que encontra mais posições que lhe cabem e ocorrências convergentes.

Procurando compreender os dados a partir da ótica da robustez no *input*, verificamos que CV e Adj são posições em que a ocorrência da categoria PP não é generalizada, ou seja, é obrigatória apenas em parte dos casos. Em CGs, CNOs e Adjs o DP não pode vir desacompanhado de uma preposição, como ocorre com parte dos CVs. Embora a preposição seja obrigatória quando o Adj é constituído por um DP, há Adjs que não são encabeçados por preposições, porque se constituem de um advérbio.

Considerando, conforme Lightfoot (1991), que a marcação paramétrica se dá através de experiências gatilhos (*triggers*), disparadas pelos dados robustos, salientes e frequentes no *input*, verificamos que os surdos encontraram maior robustez para internalização de preposição em CGs e CNOs do que em CVs e em Adjs. Podemos apontar a frequência de preposições em CGs e CNOs maior que em CVs como um dos componentes dessa robustez, uma vez que os CGs e CNOs encontrados no *input* são sempre PPs, diferentemente de CVs, que podem ser PPs ou DPs, e de Adjs, que podem ser PPs e AdvPs. Isto significa que os surdos já começam a internalizar, pela maior robustez, o valor paramétrico que define que, em português, CGs e CNOs são PPs. E, sabendo que a preposição em CGs e CNOs ocorre como atribuidora de Caso, podemos dizer que o traço funcional de Caso é saliente no processo de aquisição da categoria

preposicional, sendo os traços de Caso genitivo e oblíquo em complementos nominais mais robustos que os demais traços de Caso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, A. M. Categorias sintáticas. In: MATEUS, M. H. M. *et al. Gramática da língua portuguesa*. 63. ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003. p. 323-417

CHOMSKY, A. N. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Trad. de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Caminho, 1986. 344p.

_____. *Remarks on nominalization*. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Eds). *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, MA: Ginnand Company, 1970. p.184-221

_____; LASNIK, H. Filters and control. *Linguistic inquiry*, 1977. v. 8, n. 3, p. 425-504.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Componentes articulatórios da Libras e a escrita SEL (Libras articulatory components and SEL writing). *Estudos da Língua(gem)*, [S.l.], v. 17, n. 2, p. 103-22, jun. 2019. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5338>. Acesso em: 01 set. 2019. doi: <https://doi.org/10.22481/el.v17i2.5338>

_____. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *Revel*, 2012, v. 10, n. 19, p. 150-84. Disponível em: www.revel.inf.br.

LIGHTFOOT, D. *How to set parameters: arguments for language change*. Cambridge: MIT Press, 1991. 230p.

MIOTO, C.; SILVA M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004. 269p.

RAPOSO, E. P. *Teoria da Gramática à faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992. 527p.